

Intervenção de Maria Dovigo, da Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, no I Congresso da Cidadania Lusófona

“Amor de homem e de mulher com a presença de Deus, eis aquilo a que Portugal e a Galiza se encaminhavam no princípio de seu mundo”

(Agostinho da Silva, “Reflexão à margem da literatura portuguesa”, Belo Horizonte, janeiro de 1956).

Eu, senhores, sou contadora de histórias, tecedeira de palavras antigas, fiandeira de mar e sonhos. Na minha teia a história do meu país canta com sons de epopeia. Mas não esperem cantos de velho rei que regressa ao reino após longa guerra no além-mar, nem de varões assinalados fazedores de descobertas em ilhas longínquas. A minha é a humilde história da luta pela dignidade de ser homem. Mais ainda, porque teia de linho galego é a minha, a luta pela dignidade de ser mulher.

Venho, senhores, de uma longa linhagem de mulheres que na secreta matriz da terra procuram sementes para fazer o mundo renascer, filhas do mar, lavradoras, mulheres que cantam os vendavais nas bravas costas do norte, mulheres que diariamente, século após século, fizeram milagres de amor por sempre ignorados. Aprendi delas a lutar com amor e a pouca sabedoria que me foi dada contra a fatal tríade de ignorância, pobreza e violência que destrói o mundo e escraviza os homens e que tanto se assanha contra as mulheres. Aprendi delas, minhas mães e minhas irmãs, a fazer da minha condição de mulher ofício de criadora e libertadora. Na casa, criadoras de alimento e guardadoras do lume da lareira. Na terra, cultivadoras da matriz sagrada da terra mãe. Na comunidade, cantadeiras, transmissoras de memória, saberes e uma beleza que, tenho fé nisto, salvará o mundo. Assim para mim o contributo da Galiza nesta grande cidade lusófona espalhada por todo o mundo conhecido é o de dignificar a imagem da mulher não como face bonita da humanidade mas, com toda a sua força criadora, parideira de uma nova humanidade.

Deixo aqui, perante esta plateia de homens e mulheres das mais diversas nações um apelo muito direto aos portugueses. Meus irmãos, meus velhos e muito queridos irmãos, deixai-nos fazer o nosso trabalho como mulheres galegas. Precisamos nós e toda a lusofonia precisa. Não cortem outra vez a cabeça de Inês. Nada vos obriga. Escolhei outro destino. Não vos furteis ao sentimento, à imaginação, à imensa força criadora do

desejo, aos ritmos do coração. Libertai-vos das sombras, da mentira, do poder que escraviza, do medo, que a hora da alvorada já foi cantada na nossa terra há mais de um século. Eu vivo entre vós há tantos anos e nunca deixei de ter saudades de vós, nunca deixei de vos desejar ao meu lado. Ouvi, vós e todos, os cantos antigos e renovados das vossas amigas galegas. Ouvi as histórias que não mentem, a história do santo Amaro, padroeiro e protetor dos galegos que em Portugal vivemos e que tem igreja própria aqui, na cidade de Lisboa, o santo cavaleiro que peregrinava pelo mundo à procura do paraíso. Senti a emoção da procura, da demanda, da aventura que entre todos empreendemos. Conservai sempre a suavidade do coração, embarcai-vos nos cantares que nunca esquecesteis. Sobretudo, sede bons, sede generosos. Ouvi em vós o canto da amiga, da amante, da companheira. Vereis a vossa verdadeira grandeza e a bela aventura de ser homem que também hoje, agora mesmo, neste congresso de esperanças, recomeça.

Na cidade de Lisboa, 3 de abril de 2013